

Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Nelson Di Francesco



Disponível em: <www.museudaimigracao.org.br>

Meu primeiro contato com esse Museu foi no final de 1997, quando o estive visitando, na busca de informações complementares a respeito de meus antepassados paternos, vindos da Itália, no final do século XIX.

À época da minha visita, esse Museu fazia parte de outra Instituição maior, ainda chamada Memorial do Imigrante.

Após os primeiros e proveitosos contatos, fui convidado pela então diretora técnica, a Sra. Midory Kimura Figuti, a trabalhar no Memorial como Produtor Cultural e Pesquisador Histórico. Fiquei por lá durante quase dois anos. Saudosa época! Deixei um trabalho na biblioteca, com mais de 300 páginas, intitulado "A hospedagem dos imi-

grantes na imperial cidade de São Paulo: Um resgate documental cronológico dos primeiros tempos: 1827-1888".

Esse recorte histórico, imposto por mim, foi com o objetivo de saber em qual local ficavam alojados os imigrantes que chegaram à cidade de São Paulo, antes da construção desse majestoso prédio, ainda existente nos dias atuais e recém-restaurado. Pois bem, fiz inúmeras pesquisas históricas, principalmente junto à Divisão de Arquivo do Estado, localizado no bairro de Santana, e praticamente concluí minha busca. Os detalhes históricos dessa detalhada pesquisa estão na obra acima mencionada e poderão ser consultados na biblioteca do Museu da Imigração.

Mas voltemos a ele. Não exatamente ao Museu que hoje se nos apresenta aberto à visitação, vivo, dinâmico, interativo, uma das joias do bairro da Mooca, mas voltemos à antiga Hospedaria de Imigrantes, embrião da atual Instituição.

O período entre os anos 1886 e 1888 foi dedicado à construção e ocupação das principais unidades desse majestoso edifício, que foi sofrendo ampliações e reformas com o passar dos anos, até culminar no conjunto existente hoje. Parte desse conjunto de prédios é atualmente ocupado pelo Museu da Imigração, cuja missão, entre outras, é resgatar, preservar e divulgar a história da imigração e dos imigrantes que tinham como destino o Estado de São Paulo.

O rico acervo do Museu inclui os livros de registro dos imigrantes que passaram pela Hospedaria, a partir de 1882, quando a mesma, então, funcionava ainda no bairro do Bom Retiro, além das listas de bordo dos navios que trouxeram os imigrantes.

Em 21 de maio de 1886 foi lavrada a escritura n. 96, p. 043v a 044, no Primeiro Tabelião de Notas — SP, oficializando a compra, pela Fazenda Provincial, por dezessete contos de réis, do terreno pertencente a José Gregório Rodrigues, e sua mulher, dona Rita Manoela Rodrigues, localizado na várzea da Mooca, na Freguezia do Brás...

Em 1887, a Hospedaria foi inaugurada, com capacidade para receber cerca de 3.000 pessoas. Em ocasiões es-

peciais chegou a abrigar até 8.000 de uma só vez. A construção e a administração da Hospedaria ficaram a cargo da Sociedade Promotora de Imigração durante os primeiros dez anos de funcionamento.

A grande parte dos imigrantes que chegava a São Paulo vinha em navios que os desembarcavam no porto de Santos, após longa e cansativa viagem (cerca de 20 dias), alojados nos porões, que úmidos e pouco ventilados, favoreciam a proliferação de doenças contagiosas. Não eram raras as ocorrências de mortes e, até mesmo, nascimentos durante o trajeto quase desumano.

Ato contínuo, os imigrantes subiam a Serra, a bordo dos trens da São Paulo Railway, para desembarcar na estação ferroviária da própria Hospedaria. Ali eram alojados em amplos salões/dormitórios, recebiam assistência médica e odontológica necessárias (farmácia, laboratório de análises, um pequeno hospital, maternidade) serviços de correios e telégrafos, lavanderia, cozinha e refeitório (recebiam três refeições diárias) e posto policial. No mesmo local eram também assinados os contratos de trabalho com os fazendeiros (principalmente de café) e, depois disso, em outra viagem de trem, partiam com destino às mais diversas regiões do Estado.

Haviam chegado à América, no dizer deles. E começariam nova vida, distante dos países de origem. Tempos sofridos!





Acervo Museu da Imigração

Após anos de trabalho muitos deixavam suas atividades no campo, transformavam-se em pequenos proprietários rurais nas colônias e nos núcleos coloniais. Mais tarde dariam início a uma série de atividades profissionais, especialmente aqui na Capital, vindo a formar a grande massa de operários que movimentou a indústria paulista em seus primeiros tempos.

Aproximadamente 3 milhões de imigrantes chegaram ao Estado de São Paulo até a década de 1970. A maior parte veio entre 1886 e 1915.

Especialmente na década de 1930, a Hospedaria de Imigrantes passou a acolher também famílias migrantes de outros Estados.

Em 1967, com a criação da Secretaria de Promoção Social, a Hospedaria recebe o nome de Departamento de Migrantes, para atender, também, o grande número de migrantes nordestinos que tinham São Paulo como destino. Essa Secretaria, por intermédio do Departamento de Amparo e Integração Social, passou a coordenar este serviço, que se manteve até fins da década de 1980.

Em 1978, a Hospedaria recebe o último grupo de imigrantes coreanos, antes de encerrar suas atividades.

No ano de 1982, o CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico), órgão da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, tomba o conjunto arquitetônico da antiga Hospedaria de Imigrantes.

"É no entrelaçamento dessas memórias que se encontra a oportunidade de compreender e refletir o processo migratório. O Museu da Imigração pretende ser o grande ponto de encontro das comunidades de São Paulo, um local cada vez mais frequentado por paulistanos e paulistas e um atrativo cultural e turístico imperdível para aos visitantes de fora do país. *Em seu novo projeto museológico, o Museu da Imigração valoriza ainda mais o encontro das múltiplas histórias e origens e propõe ao público o contato com as lembranças daquelas pessoas que vieram de terras distantes, suas condições de viagem, adaptação aos novos trabalhos e contribuição para a formação do que hoje chamamos de identidade paulista*" (Conf. página oficial do Museu, na Internet).

Visitar o Museu da Imigração (Rua Visconde de Parnaíba, 1.316, estação Bresser do metrô, no bairro da Mooca), além de um passeio agradável e cultural, junto de muita área verde, possibilita uma viagem no tempo... Um mergulho na cultura do nosso riquíssimo Estado de São Paulo. Embarque no pequeno passeio a bordo da locomotiva Maria-fumaça, carinhosamente batizada de "Marta" (desde os tempos em que operava como manobreira na estação Brás), que faz parte do acervo da instituição.

Garanto que você vai se surpreender!

Nelson Di Francesco
Pesquisador histórico

A estranha saudade de um lugar que não conheci

Luiz Carlos Aiex Alves

Aos colegas Paulo JB e Moacir Godoy

Por mais de uma vez a Nagibe me contou aquela mesma história. Em sua primeira noite no Brasil, ela dormiu no banco de jardim de uma praça pública da cidade de Santos. Ela e o irmão José. Ela com 12 anos e ele com 16. Ambos haviam chegado da longa viagem apenas com as roupas do corpo. Como o seu primeiro filho, o meu pai, nasceu em dezembro de 1912, suponho que isso tenha ocorrido por volta de 1903 ou 1904. Naquele tempo, os imigrantes pobres que chegavam da Síria costumavam desembarcar ou no porto de Santos ou no do Rio de Janeiro. Deve ter sido uma experiência traumática. Uma menina de 12 anos, que não falava a língua, entregue à própria sorte, ela e o irmão, num lugar estranho, com costumes totalmente distintos! A minha mãe sempre dizia que a sogra era da cidade de Homs. Para o meu irmão caçula, João Paulo, a Nagibe contou que a mãe dela viera do Kuwait.

Quando a Dalila conheceu e casou com o primogênito da Nagibe, o seu sogro já havia falecido há algum tempo. Tenho a vaga ideia de que ele era bem mais velho do que a esposa, porém sei que era de Yabrud, cidade que fica às margens do deserto sírio. Conta a lenda familiar que o Salomão José, ao chegar ao Brasil, por receio de perseguições, imaginárias ou reais, trocou o sobrenome Arbex para se esconder atrás do bem português Alves. O seu primeiro filho, José Salomão, nasceu na mineira Itajubá. O segundo, Elias Salomão, na paulista Lorena. Finalmente o último, Salim Salomão, na fluminense Resende. A família mudava de uma cidade para outra, com o mascote Salomão José tentando a sorte em diferentes praças. Acabou estabelecendo-se em Resende, onde havia uma grande colônia de imigrantes de sua cidade natal. Dizia-se, brincando, que havia mais yabrudenses em Resende do que em Yabrud.

A Nagibe nunca se alfabetizou. No entanto, era uma mulher de personalidade marcante, inteligente e uma esperta comerciante. Formou dois filhos médicos, o José e o Salim, que estudaram na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha. E fez fortuna. Junto com os filhos, compraram fazendas, a última delas em Vassouras, na antiga região de café do Vale do Paraíba, de 3.500 hectares. Até hoje, passados mais de 35 anos de sua morte, a fazenda Dom Carlos (nome original) ainda é conhecida como a fazenda "da turca". Trabalhavam bastante, principalmente ela e o Elias. E quase não gastavam o dinheiro que amealhavam. Aliás, os árabes têm a fama de trabalhar

duro. Tanto que o verbo "mourear", trabalhar como um mouro, presente em várias línguas, significa trabalhar muito.

Os meus avós maternos também eram de Yabrud. O José (Youssef) Aiex ficou um tempo no Brasil, retornou à Síria, e para cá novamente voltou, desta vez casado com a Badia. Essa minha avó cozinhava como ninguém, qualidade amplamente reconhecida no seio da própria "colônia". Ela fazia um quibe frito inigualável, extremamente saboroso. Oval, grande, oco por dentro, com as paredes finas. O pai da Dalila, por seu lado, era mais intelectualizado. Lia jornais em caracteres árabes e foi uma pessoa bastante independente. Enviuvou aos 70 anos e decidiu casar-se novamente. Fazia duas únicas exigências com relação à pretensa futura noiva: que fosse virgem e síria! Encontrou a Maria, de São João Del Rei, 20 anos mais jovem do que ele, com quem viveu até o fim da vida. Acabou falecendo com 101 anos.

Eu gostava de pedir à Badia para repetir a história do cavalo árabe, quando eu ia dormir, com ela deitada ao meu lado na cama. Era mais ou menos assim. O cavalo se assustou, deu um piparote, e o cavaleiro foi lançado à altura de um alto poste. Quando estava lá em cima (eu o imaginava bem, bem lá no alto), ele dizia (em árabe) qualquer coisa como: "Nossa Senhora me proteja!". E o cavalo, como que atendendo ao seu apelo, como que por milagre, ficava paradinho no mesmo lugar. E o moço caía sentado em cima dele, sem se machucar!

Já a Nagibe contava que certa feita, à noite, os mulçumanos apareceram em sua aldeia. Ela ficou escondida, agachada em um canto da casa, e não foi vista pelos homens. Mas viu (horrorizada) o sangue a escorrer pelo chão ao lado dela, como se fosse um rio.

Hoje a tão amada e idealizada Síria dos meus avós não existe mais. Homs está destruída. A outrora charmosa e sofisticada Alepo não existe mais. A cosmopolita Damasco, com seu famoso *souk* (mercado), está acabada. Palmira e tantas e tantas outras cidades e vilas também. Yabrud parece que ainda não foi tão impiedosamente bombardeada nesta monstruosa, absurda, interminável guerra civil. Que grande pena! Que imensa tristeza! Não deu tempo para eu conhecer esses lugares que povoaram as minhas lembranças juvenis e que estranhamente sinto tanta saudade, agora que talvez pudesse.

Luiz Carlos Aiex Alves

Psiquiatra. Presidente do Comitê Científico de
Psiquiatria Forense da APM

Educação Fundamental pede socorro

Nelson Guimarães Proença

Um bom começo para esta discussão é recordar o trabalho que o ex-Ministro da Educação, Professor e Filósofo Renato Janine Ribeiro, desenvolveu durante os apenas seis meses em que esteve à frente do Ministério, no primeiro semestre de 2015. Destaco a divulgação dos dados recolhidos pela "Avaliação Nacional de Alfabetização", uma demonstração de responsabilidade de Administrador Público. Estes dados vinham sendo mantidos longe dos olhos da população, pois comprovavam o lamentável retrocesso que vem ocorrendo no Ensino Fundamental, em todo o Brasil.

A meta do Plano Nacional de Educação era que toda criança, ao terminar a terceira série do Ensino Fundamental, estivesse lendo e escrevendo correntemente e, ainda mais, com a tabuada inteiramente memorizada, permitindo a realização das operações aritméticas. A realidade demonstrou o contrário, pois 53% dos escolares matriculados, em todo o País, foram incapazes de corresponder ao esperado, nos testes comprobatórios. Ficou exposto o fracasso da Educação Fundamental, a existência de uma maioria de analfabetos mesmo após três anos de ensino, o que representa um desafio que precisa ser corretamente compreendido e enfrentado, exigindo uma revisão do que vem sendo feito, no Ensino Público.

A honestidade do Ministro Janine Ribeiro provocou desagrado no Governo Federal de então, daí o Ministro ter sido substituído por alguém mais habituado a alardear conveniências e a esconder inconveniências, sempre tendo em vista apenas os interesses da Política.

As preocupações do Ministro demitido estavam corretas: é preciso avaliar a base em que está alicerçado o Ensino Público. Ele propunha e esperava que todos participassem desta discussão, insistiu para que o Plano Nacional de Educação fosse realmente analisado e discutido entre o Magistério e a População, buscando a integração de ambos. Sua preocupação era corretíssima, pois é a partir da composição Escola-Família que poderemos alcançar os melhores resultados.

Quando a criança encontra em sua própria casa o apoio para levar adiante seus deveres, para obter esclarecimento e orientação de suas dúvidas mais simples, quando recebe o incentivo de familiares para leituras auxiliares, tudo isto faz com que ela avance muito mais rapidamente. O reverso também é verdadeiro, pois, se o ambiente doméstico é desfavorável, seja por que motivo for, o progresso da criança é muito mais lento.

Claro que há exceções, no que se refere a esta maneira simples de ver as coisas. Mas seguramente o que dissemos é a regra. Caberia então indagar: o ambiente vivencial familiar está hoje mais ou menos propício para que a Educação atinja os objetivos propostos?

A resposta a esta pergunta não pode ser precipitadamente dada. Exige um trabalho de campo feito de casa em casa, de família em família, permitindo conhecer melhor as condições do componente socioeconômico-familiar, pois são estas condições que decidirão sobre o sucesso ou o insucesso da proposta de integração Escola-Família.

Quando nos colocamos neste ângulo de análise, temos de concluir que a discussão do Plano Nacional de Educação não pode ser feita apenas nos limites do binômio educadores-famílias. É necessário que se constitua um tripé de apoio, pois a participação do setor de Assistência e Promoção Social é indispensável. É este setor que constatará as condições de vida existentes na intimidade das famílias, são estas condições que representarão fatores favoráveis, ou desfavoráveis, para o aprendizado das crianças.

Educadores e Assistentes Sociais, intelectualmente comprometidos com os objetivos a serem alcançados, precisariam redigir o texto de um verdadeiro "recenseamento" e partir para o trabalho de campo. Isto demanda estrutura e tempo, mas é algo que tem de ser urgentemente feito.

Um projeto de grande porte, com largo horizonte, como foi previsto e proposto pelo ex-Ministro Renato Janine Ribeiro, precisa ter diretrizes claramente estabelecidas. Mas a montagem dos alicerces não pode ficar limitada às salas da burocracia federal ou estadual. Estes alicerces exigem marcante presença municipal, pois o sucesso de um novo programa educacional depende essencialmente da participação das Prefeituras, de suas Secretarias e de seu pessoal, todos convictos de sua fundamental importância, para o futuro da Nação.

Há urgência! É hora de começar o trabalho de campo, é hora de introduzir novos métodos de aprendizado, é hora de perseguir e atingir os índices de alfabetização compatíveis com o conceito de País civilizado.

Nelson Guimarães Proença

Membro da Academia de Medicina de São Paulo

Os tempos da vida

José Hugo de Lins Pessoa

Não é raro ouvirmos alguém dizer a expressão “no meu tempo”, geralmente seguida de um elogio, um comentário positivo, simpático, ao tempo de quando éramos mais jovens. O sentimento que dá origem a essa frase é uma vaga sensação de perda, muitas vezes quase imperceptível, que nós, humanos, sentimos com o “passar” do tempo. Os homens primitivos não conheciam a necessidade de medir o tempo. Os homens civilizados descobriram a necessidade prática de medir o tempo e criaram o tempo quantitativo, “o tempo do relógio”, com horas, dias, meses e anos. O tempo do relógio determina todas as nossas atividades. Mas deve-se considerar que temos outro tempo, o tempo existencial, qualitativo – o tempo vivido por cada um de nós. Heidegger, um dos maiores pensadores do século passado, busca o tempo existencial, qualitativo, para mostrar que ser e tempo se condicionam entre os horizontes temporais da singularidade de cada existência humana. A vida é uma experiência instantânea. Todas as nossas ações são regidas por frações exatas de tempo.

O que significa viver o tempo de uma vida? Somos a soma de várias experiências, de vários momentos, de vários tempos. Vivemos para aprender. Para a criança, o tempo é o instante em que vive. O tempo infantil não tem compromisso com o passado, com o presente ou com o futuro, é múltiplo, reversível. O adolescente percebe que perdeu o tempo infantil. Procura, inconscientemente, mecanismos, que se mostram inúteis, para conservar o tempo infantil. Passa a viver o tempo de adolescente, buscar a sua identidade, conhecer, “desafiar” e incluir-se no mundo. O homem adulto enfrenta o vazio das duas perdas, do tempo infantil e do tempo da adolescência e aprende que, para amadurecer, precisa “aceitar essas perdas”. As idades intermediárias, da plenitude da juventude ao fim da maturidade, vivem circunstâncias de ação, refutam a contemplação e demonstram dificuldades para compreende-

rem os limites dos tempos do homem. Depois de tantas surpresas e de tantos encontros com o desconhecido, na terceira idade o homem pensa que finalmente compreende a vida, e descobre que sempre viveu submetido ao tempo do relógio, mas que, por natureza, é estranho a ele. Não é o tempo que passa, nós é que passamos no tempo.

Norberto Bobbio definiu a terceira idade como o “tempo da memória”. Realmente, nesse momento, o pensamento humano, como o fio de Ariadne, leva-nos e nos traz da intuição à maturidade, da juventude aos cabelos brancos, do “meu tempo” para todos os tempos. O fantasma do tempo passado, bom ou mau, ressurgiu na memória para povoar o nosso próprio tempo histórico. Existem aqueles tempos em que a vida toma ares de uma doce aventura, e outros em que parece uma guerra sofrida. Lá estão tempos em que alegres nos embriagávamos de amor, do primeiro beijo, do nascimento dos filhos. E também aqueles em que tristes sepultamos nossos pais, despedimo-nos de pessoas significativas e enfrentamos nossas doenças.

É preciso compreender as transitoriedades das experiências vividas e delimitar as fronteiras de cada tempo já vivido. Desse modo, o homem torna-se apto para uma relação completa com todas as coisas do tempo presente. E, como não há garantia alguma do tempo futuro, cria esperanças. A esperança, segundo Kant, é a razão de viver. Essa é a mágica da vida, o mistério da vida, o que nos impulsiona sempre para a frente, enfrenta as forças da morte, sabendo que os tempos da vida são pontes para a eternidade.

José Hugo de Lins Pessoa
Médico e escritor

Decadência da Psiquiatria

HAJA PACIÊNCIA

As publicações científicas na área da Psiquiatria, no Brasil, são, no mínimo, pitorescas. Parece que alguns articulistas têm as ideias trancadas a cadeado. Na última revista de uma importante associação de psiquiatras brasileiros, publicou-se um artigo assim intitulado: *Prevalência de periodontite em indivíduos com transtorno afetivo bipolar*. Cinco profissionais assinam, médicos e dentistas.

Avaliaram 156 pacientes com, *segundo eles*, transtorno bipolar. Concluíram pela alta incidência de periodontite nesses doentes: 59% no total, sendo 90,2% crônico-moderada e 9,8% avançada.

Diante desse resultado significativo, propõe que "no futuro a periodontite possa ser considerada associada a essa doença psiquiátrica".

Com todo o respeito, não há como não lembrar a piada do "grande" cientista americano, que condicionou uma rã a pular quando tocasse uma campainha. Então, amputou-lhe uma perna, tocou a campainha e a rã pulou; cortou a outra perna, repetiu o som e a rã pulou; amputou a terceira perna e ao toque sonoro a rã voltou a pular; por fim, seccionou a última perna do batráquio, emitiu o estímulo sonoro e a rã não pulou. Então, o cientista americano concluiu que *rã sem perna não escuta!*

Associar a periodontite com transtorno bipolar é risível, considerando que normalmente pacientes psiquiátricos têm precária higiene corporal, entre elas, a bucal. Tanto faz o diagnóstico da doença, basta andar nos pátios dos hospitais psiquiátricos, nos quais há loucos de todo o gênero, repletos de problemas odontológicos.

Acresce a isso mais dois outros fatores fundamentais, que retiram qualquer possibilidade de crédito de ser a periodontite um sinal da doença bipolar.

Primeiro, a saúde bucal depende precipuamente de visitas periódicas ao dentista, para prevenção, limpeza e demais cuidados, se necessários. E, pasme o leitor, segundo o artigo que se critica, lá está escrito: "quanto à última visita odontológica, a maioria declarou (56,4%) que foi ao

dentista há mais de 3 anos". Ora, como não estar com dentes e gengiva estragados depois de tanto desleixo?

O segundo ponto capital é que o artigo diz, *ipsis litteris*: "todos usavam antidepressivos".

Será que ninguém atinou para o fato de que antidepressivos causam xerostomia, ou seja, diminuição da saliva e que tal carência é deveras ruim para a cavidade bucal, pois aumenta a proliferação de micro-organismos?

Em suma, má higiene, baixíssima frequência a dentistas, uso de antidepressivos e desleixo com a saúde bucal são os verdadeiros responsáveis pelas cáries, perdas de dentes, mal hálito, periodontites etc., não o transtorno bipolar.

Haja paciência.



coluna do livro

Homenagens aos doutores Synesio Rangel Pestana e José Ayres Netto

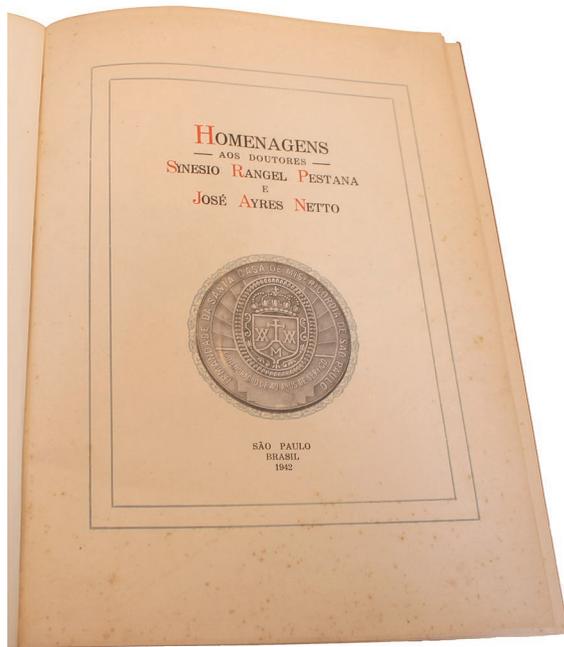
Primorosa e limitada edição feita por ocasião da outorga de medalha especialmente cunhada em homenagem aos quarenta anos de trabalho de Synesio Rangel Pestana e de José Ayres Netto na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, por determinação da Mesa Administrativa da Irmandade, em sessão de 20 de novembro de 1942.

Contém a ata da reunião, os discursos de vários mestres presentes e o agradecimento dos homenageados, bem como as manifestações dos que os saudaram, Celestino Bourroul, Oswaldo Portugal e José Affonso de Mesquita Sampaio.

Compareceram à cerimônia expressivo número de pessoas, todas elencadas no final do livro. São políticos, médicos, personalidades das ciências, das artes e das letras nacionais. Leitura muito interessante, pois retrata, fidedignamente, momentos preciosos de nossa história.

Impresso em 1942 pela Elvino Pocaí (no colofon), com ricas ilustrações, formato *in folio*, brochura, recebeu capa cartonada na década de 1980, mantendo a original, 59 páginas, papel vergê, em excelente estado.

Doado à APM em 7 de agosto de 1980, por Pedro Ayres Netto, filho de um dos homenageados.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*),

Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira,

José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba,

Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinamateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O **Suplemento Cultural** somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.